



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

POESIA, DESEJO E LIBERDADE EM VIOLETA FORMIGA

NÚBIA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

**MONTEIRO/PB
2022**

NÚBIA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

POESIA, DESEJO E LIBERDADE EM VIOLETA FORMIGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira
Orientador(a): Dr. Marcelo Medeiros da Silva

MONTEIRO – PB
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244p Nascimento, Nubia Maria da Silva.
Poesia, desejo e liberdade em Violeta Formiga [manuscrito]
/ Nubia Maria da Silva Nascimento. - 2022.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Poesia de autoria feminina. 2. Violeta Formiga. 3.
Literatura paraibana. 4. Crítica feminista. I. Título

21. ed. CDD 808.1

NÚBIA MARIA DA SILVA NASCIMENTO

POESIA, DESEJO E LIBERDADE EM VIOLETA FORMIGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 26/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Medeiros da Silva

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Simone dos Santos Alves Ferreira

Prof. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira – UEPB

Wanderlan da Silva Alves

Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves – UEPB

*Se a lei não tivesse feito calar as mulheres para todo o sempre,
talvez elas [...] soubessem dizer-nos o que nos falta saber.*

*José Saramago. O Evangelho segundo Jesus
Cristo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por me permitir trilhar esse caminho no decorrer desses cinco anos. Sou grata aos meus pais, Sebastião Diogéns da Silva Nascimento e Maria Das Graças da Silva Nascimento, que, diante das limitações e dificuldades, não mediram esforços para que o meu curso fosse concluído. As minhas tias Maria Das Neves da Silva Oliveira, Maria Dalva da Silva Leite e Lindalva Claudina de Souza que me apoiaram incondicionalmente durante esse percurso. Ao meu avô Teófilo (*in memorian*), que me criou, educou-me e tem sua parcela de contribuição na formação da mulher que sou hoje. Aos meus irmãos, Evandro e Natallya, pelo amor e apoio.

Agradeço às minhas amigas de infância, Eduarda e Renata, que, mesmo distantes, me apoiaram e emanaram energias positivas. Às minhas amigas da época do colégio, Layla, Bruna Nunes, Bruna Alves e Jaqueline, que vibram com cada conquista minha; o tempo não foi capaz de apagar nossa amizade e companheirismo. Gratidão à Micaele, minha amiga do ensino médio e companheira da graduação, por acompanhar de perto o meu trabalho e me encorajar nos dias difíceis, suas palavras de apoio foram indispensáveis.

Às minhas amigas de apartamento que se tornaram irmãs, Raiane e Débora, vocês foram essenciais para que esse trabalho fosse concluído, gratidão por tanto apoio, paciência e parceria no decorrer desses anos. À Helena, Vitória, Arthur, Aline, Simony, Andreza, Thais e Renan, pelas palavras de conforto no momento oportuno e pela amizade. A Frederico, que, além de amigo, se tornou um irmão no decorrer da graduação, obrigada pelo apoio de sempre e pela positividade que tornou meus dias melhores. Ao meu grupo especial das horas boas e ruins, Alberto, Otaciany, Yasmin e Laís, vocês moram em meu coração. Gratidão a Paulo Leite, um amigo que sempre me apoiou e incentivou, mesmo estando distante. À minha turma 2017.1, agradeço por toda união e apoio no decorrer desses cinco anos.

Toda a minha gratidão à professora Simone, que contribuiu de forma direta para o meu interesse pela literatura de autoria feminina. Ao meu orientador, Dr. Marcelo Medeiros, pela paciência e compromisso comigo, ele é o grande responsável pela minha evolução no meio acadêmico, não apenas durante a realização desse trabalho, mas no decorrer do curso, obrigada, o senhor é uma inspiração no meio docente. A todos os meus professores que passaram pelo meu caminho durante a graduação, vocês contribuíram de forma relevante para o meu crescimento como pessoa e futura docente.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	08
2. RESULTADOS	09
2.1 Violeta Formiga: Apontamentos bibliográficos.....	09
2.2 Violeta Formiga: Apontamentos sobre a obra	10
3. ANÁLISES DAS TEMÁTICAS.....	11
3.1 Prspectiva sobre o amor na lírica de Violeta Formiga	11
3.2 Otempo na lírica de Violeta Formiga	14
3.3 A vida retratada na lírica de Violeta Formiga	19
3.4 A liberdade na poesia de Violeta Formiga.....	21
3.5 A solidão na lírica de Violeta Formiga	24
3.6 A lírica de Violeta Formiga e o viés metalinguístico	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. REFERÊNCIAS.....	31

RESUMO

Ainda que os estudos feministas no campo da literatura tenham nos dado a conhecer um número expressivo de autoras e obras e nos tenham impulsionado a repensar as nossas ferramentas de análise, isso não arrefeceu os estudos de obras e autoras desconhecidas da crítica e do grande público. Pelo contrário, a leitura ou a releitura de uma ou outra autora desconhecida pode trazer contribuições significativas para repensarmos os aparatos teórico-analíticos da crítica, as pilastras em que se sedimentou a nossa tradição historiográfica, as relações de poder que mantêm quase incólumes as estruturas hegemônicas de poder dentro do campo literário e que incidem nas políticas de produção, circulação e recepção de um autor/a e de outros/as. Nesse cenário, compete ainda à universidade pública brasileira o zelo pela nossa memória cultural e, com isso, o fomento à leitura e a descoberta de nomes importantes de nossa literatura que, muitas vezes, por fatores não necessariamente estéticos, tiveram ou permanecem no esquecimento público. Considerando-se isso, esta investigação científica objetiva estudar as obras da poeta paraibana Violeta Formiga (1951-1982) a partir das temáticas: amor, tempo, vida, liberdade, solidão e metapoesia pensando a importância dela para a lírica de autoria feminina na Paraíba. Ensejamos investigar como as categorias do desejo e da liberdade servem de alicerce para a poesia da referida escritora. Para tanto, ater-nos-emos à análise dos livros *Contra Cena* (1981) e *Sensações* (1983) a partir dos pressupostos da Teoria da Literatura. Com isso, esperamos, trazer à luz a obra de uma autora desconhecida do grande público, chamando atenção para a figura de Violeta Formiga para a cultura paraibana.

Palavras-chave: Poesia de Autoria Feminina. Violeta Formiga. Literatura Paraibana. Crítica Feminista.

ABSTRACT

Although feminist studies in the field of literature have made us aware of a significant number of authors and works and have driven us to rethink our analysis tools, this has not slowed down the studies of works and authors unknown to critics and the general public. On the contrary, the reading or re-reading of one or another unknown author can bring significant contributions to rethink the theoretical-analytical apparatuses of criticism, the pillars on which our historiographical tradition was sedimented, the power relations that keep hegemonic structures almost unscathed. of power within the literary field and that affect the policies of production, circulation and reception of an author and others. In this scenario, it is still up to the Brazilian public university to take care of our cultural memory and, with that, to encourage reading and the discovery of important names in our literature that, often, due to factors not necessarily aesthetic, have had or remain in public oblivion. . Considering this, this scientific investigation aims to study the works of the poet from Paraíba Violeta Formiga (1951-1982) from the themes: love, time, life, freedom, solitude and metapoetry, thinking about her importance for the lyric of female authorship in Paraíba . We aim to investigate how the categories of desire and freedom serve as a foundation for the poetry of that writing. For that, we will stick to the analysis of the books *Contra Cena* (1981) and *Sensações* (1983) from the assumptions of the Theory of Literature. With this, we hope to bring to light the work of an author unknown to the general public, drawing attention to the figure of Violeta Formiga for the culture of Paraíba.

Keywords: Poetry by Female Authors. Violeta Formiga. Paraíba Literature. Feminist Criticism.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos feministas na área da literatura a partir dos anos 70 começaram a repensar o lugar ocupado pela mulher na cena literária, colocando-a como protagonista do seu fazer literário e fugindo do único papel que era atribuído ao feminino: ser objeto de representação na literatura. Diante dessa atitude foi possível perceber o desprezo e a inferioridade atribuída às mulheres ao longo de nossa história e dentro do nosso cânone.

Essa postura política favoreceu uma série de ações que evidenciavam a exclusão feminina no campo literário e permitiam que a extensa produção de mulheres na literatura que estava esquecida no passado, em decorrência da invisibilidade pública, fosse então inserida no presente, contribuindo para a inclusão de autoras e de obras de autoria feminina dentro do debate público a respeito da contribuição das mulheres na composição das tradições literárias e da nossa cultura (RAGO, 2005).

É importante frisar que no Brasil o movimento de reexaminar a própria tradição literária e as bases que as consolidam teve início de forma tardia, mas já se consolidou como um campo de pesquisa em nossas universidades, como atestam os trabalhos produzidos em nível de graduação e, sobretudo, em nível de pós-graduação. Voltar-se para autoras e obras olvidadas no passado é uma tentativa de validar um reconhecimento que existiu em vida, mas que não foi o bastante para superar o silenciamento que se abateu sobre elas.

Por isso, o presente trabalho insere-se na linha dos estudos voltados para o resgate de obras de autoria feminina e procura contribuir para o conhecimento da literatura paraibana de autoria feminina a partir do estudo da obra da poeta Violeta Formiga (1951-1982). Violeta Formiga foi uma poeta paraibana que foi morta vítima de feminicídio pelo ex-companheiro. Seus poemas apresentam diversas temáticas que cercam a vivência humana e trazem um significado para o sentido da vida.

O nosso objetivo principal é proceder à análise da obra da referida poetisa a fim de identificar-lhes os temas que são mais recorrentes. Para tanto, o nosso *corpus* constitui-se dos livros *Contra Cena* (1981) e *Sensações* (1983), que foram analisados a partir de um aporte teórico que procurou conjugar as contribuições da crítica literária feminista, e da poesia paraibana.

Como perguntas norteadoras de nosso trabalho, temos as seguintes: quais as forças-motrices da poesia de Violeta Formiga em *Contra Cena* (1981) e *Sensações* (1983)? Como o ofício poético é pensando pela poeta no conjunto de poemas que compõem os referidos

livros? O que a presença do desejo e do anseio de liberdade evidencia acerca do lugar social e existencial da mulher na poesia de Violeta Formiga e das desigualdades de gêneros de que a própria poeta foi vítima? Com as respostas a tais indagações, esperamos contribuir para os estudos acerca da relação Mulher e Literatura, evidenciando a importância de redescoberta da obra de Violeta Formiga pelos leitores e leitoras da contemporaneidade.

2. RESULTADOS

2.1 Violeta Formiga: *apontamentos biográficos*

Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga era o nome completo da poetisa paraibana Violeta Formiga. Nascida em Pombal, no dia 28 de maio de 1951, era filha de José Formiga e Prima de Gonçalves Formiga. Sua infância e adolescência foram vividas na sua cidade natal, onde frequentou o Colégio Diocesano e a Escola Normal Arruda Câmara. Em 1971, mudou-se para a capital do estado, onde iniciou o curso de psicologia na Universidade Federal da Paraíba. Durante sua trajetória acadêmica, tornou-se notória a sua tendência para a poesia. Violeta Formiga começou a publicar os primeiros poemas em jornais locais, principalmente no suplemento *Correios das Artes* do jornal *A União*.

Entretanto, a poetisa teve uma vida curta. Apenas 31 anos. Segundo o site “Paraíba Criativa”¹, no dia 21 de agosto de 1982, às 2h30 da manhã, no prédio em que residia no bairro Tambaú, na cidade de João Pessoa, sua trajetória foi interrompida. Violeta Formiga foi brutalmente assassinada pelo marido Antônio Olímpio Rosado Maia. O assassino efetuou vários disparos com uma arma de fogo, deixando-a sem vida no local. De acordo com os jornais da época, a motivação do assassinato teria sido o término do relacionamento, pois ele não aceitava o divórcio. Algumas testemunhas relataram que o assassino nem lavou as mãos após assassinar a esposa, indo direto ligar a vitrola e escutar Brahms. O assassinato de Violeta trouxe uma grande repercussão na Paraíba. A partir do crime, começaram a surgir grupos feministas com o objetivo de reivindicar o direito de liberdade e igualdade para as mulheres. Esses grupos realizaram manifestações destacando a necessidade de apresentar publicamente as situações de opressão em que mulheres estavam vivendo, visando a ajudá-las na luta contra o machismo.

¹<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/violeta-formiga/>

Em vida, Violeta teve publicada apenas uma obra: “Contra Cena”, que foi lançada em 1981 pela Galeria Gamela. Após sua morte, os amigos reuniram poemas inéditos e publicaram em 1983, na mesma galeria, a obra “Sensações”. Esse livro conta com depoimentos de vários amigos e poetas sobre as poesias e a maneira como Violeta Formiga via e sentia o mundo, fazendo assim um retrato físico e psicológico da poetisa. Para Neide Medeiros (2013), a poesia de Formiga era pequena em quantidade, mas rica em conteúdo. Segundo a pesquisadora, os poemas da poetisa de Pombal transmitiam ao leitor a sensação de liberdade, uma das temáticas mais recorrentes na lírica de Violeta.

É perceptível que Violeta Formiga era uma mulher que possuía uma grande sensibilidade. Seus poemas demonstram alguém que sente uma grande paixão pela vida. Em muitos de seus versos, a poetisa ressalta situações do cotidiano, trazendo temas como amor, sonhos, solidão, reflexão sobre a passagem do tempo, entre outros. Em sua poesia, é notório, portanto, o desejo por viver, por ser livre. Não à toa que amor e liberdade, talvez, sejam os temas mais recorrentes de sua lírica. A leveza dos poemas revela facilidade em falar sobre esses temas. A poetisa chama a atenção do leitor para os pequenos detalhes, as coisas simples da vida. Como já dito, a poetisa constrói uma poesia marcada por desejos que são fundantes no ser humano: a vivência do amor não correspondido, o passar do tempo, a vontade de ser dona de si e viver intensamente, a liberdade de ser e de existir.

Com sua morte brutal, Violeta Formiga entra para o cenário paraibano como símbolo das mulheres cuja vida e sonhos foram interrompidos pelo machismo, pela violência de gênero. Tornou-se mais uma vítima de uma sociedade misógina e passou a ser símbolo na luta contra a dominação masculina e a favor do desejo de emancipação e liberdade das mulheres. Calaram a poetisa, mas a sua poesia ainda está a falar para nós, apesar de certo silenciamento e esquecimento que recaíram sobre Violeta Formiga e sua obra, razão por que precisamos relê-la não apenas como produto de uma mulher que, na busca por viver a liberdade de existir, teve seus sonhos estilhaçados pelo ciúme e pela violência masculina, mas, sobretudo, como objeto estético que é.

2.2 Violeta Formiga: apontamentos sobre a sua obra

As obras “Contra Cena” e “Sensações” de Violeta Formiga reúnem diversos poemas com as mais variadas temáticas que retratam os desejos que regem a vida do ser humano. Em sua poesia, quanto ao aspecto formal, é perceptível certa tendência minimalista. Seus poemas

são, em sua grande maioria, curtos, sendo o mais conciso possível. Os títulos dos poemas são sempre de natureza metafórica, objetivando levar o leitor a relacionar o título com o conteúdo que se espraia ao longo de cada verso, de cada estrofe.

A poesia de Formiga abrange temáticas do cotidiano, que prendem o leitor pela maneira simples de relatar os sentimentos e emoções que foram transfigurados nos versos, levando o leitor a pensar até que ponto a poesia reflete as possíveis experiências que foram vividas pela poetisa e os identificando com sua própria vivência. Nessa seção, daremos enfoque a análise de alguns poemas de ambas as obras de Violeta Formiga. Para tanto, vamos agrupá-los em torno das temáticas que são mais recorrentes nas duas obras.

3. TEMÁTICAS ANALISADAS

3.1 *Temática: Perspectivas sobre o amor na lírica de Violeta Formiga*

A poesia de Violeta Formiga possui um caráter confessional, ou seja, é uma poesia com enfoque no “eu”, que retrata experiências pessoais de quem a escreve. A poesia confessional é uma forma utilizada pelos poetas para expressar seus sentimentos e reflexões sobre um determinado tema, como solidão, raiva e amor, através de uma lírica metafórica e carregada de sentimentalismo. Dentro desse viés confessional, a poesia de Violeta Formiga é uma grande confissão de amor.

Ao longo dos séculos, o amor sempre foi protagonista de diversas expressões artísticas. Seja em pinturas, poemas ou romances, o amor é fonte de emoções e reflexões as mais diversas. No caso da poesia de Violeta Formiga, a poetisa detém-se a ficar presa entre expressar como concebe o amor e exaltar a figura do ser amado, como poderemos ver a partir dos poemas selecionados nesta seção.

AMOR

Na instância
do desejo
executo um ato
secreto
de paixão e medo.

No poema acima, o título já sinaliza para o que vai ser o escopo dos versos: o amor que é apresentado a partir de elementos que podem ser vistos como espécies de opostos

complementares: paixão e medo. O primeiro é a força que impulsiona a agir, o segundo pode ser a força que retém esse agir, mas vai ser na dialética entre paixão e medo que o amor se move ainda que secretamente e que vem à tona. É relevante ressaltar que esse desejo que está na iminência de ser expresso é o amor enquanto princípio universal. O poema ressalta que a relação amorosa entre o eu lírico e o ser amado é carregada por uma dificuldade, como se esse amor fosse algo proibido, sendo assim o que ajuda a manter esse desejo imenso, a ponto de enfrentar o medo, é justamente os desafios que existem no ato de amar. Outra perspectiva sobre o amor se desenha no poema abaixo:

BICHO EXÓTICO

Teu cheiro
é de mar,
teus olhos
feitos de brisa
e fibras
esconde o mistério
da vida

Quero na noite
te encontrar
por entre colinas
verdes
e antigas.

Nesse poema, os sintagmas que servem de título chamam a atenção do leitor. O termo “bicho” sinaliza para algo primitivo enquanto o vocábulo “exótico” nos permite compreender que esse algo é o desejo. Logo, o poema de Violeta Formiga se configura como texto erótico sendo este uma metáfora da própria sexualidade humana e como tal funciona como objeto de expressão de algo natural aos seres humanos: o desejo sexual. Por isso, talvez, o texto literário seja de há muito objeto de fascínio (DURIGAN, 1985). No caso do poema em comento, o erotismo se espalha na descrição que é feita do corpo/imagem do outro que serve como objeto de desejo do eu lírico. Nos versos “teu cheiro é de mar / teus olhos feitos de brisa”, é notório que, assim como a natureza, o amado inebria, seduz e esconde a potência do viver. O fato de o eu lírico apresentar as “[...]colinas/verdes/e antigas” como o espaço para a comunhão com o ser amado sinaliza que o impulso erótico é a expressão dos instintos mais primitivos do ser humano de maneira que podemos compreender esse poema a partir das palavras de Durigan (1985) acerca da função do erotismo:

a de se responsabilizar pela consecução de prazer sem qualquer objetivo prévio e sem ser planejado moral e politicamente por outrem. O outro, em uma relação erótica, não é ator de um espetáculo predeterminado; participa fundamentalmente como sujeito do processo em que duas subjetividades diferentes se encontram, relacionam-se e se mantêm individualizadas durante todo o processo, ao contrário do que apregoa a moral cristã, com a história de anulação de dois corpos em favor da unidade, de duas subjetividades em favor de uma (DURIGAN, 1985, p.22).

A existência dessas duas individualidades a que Durigan (1985) faz menção na citação acima fica bem nítida no poema abaixo. Embora o título do poema, ao aglutinar os vocábulos “poema” e “amor” em um único vocábulo (poemamor), venha a sugerir a fusão de duas subjetividades em prol de uma unidade, o corpo do poema deixa bem demarcada a presença dessas suas subjetividades. De um lado, aquele que ama e, portanto, se coloca como sujeito do desejo; do outro lado, aquele que é objeto de desejo e, portanto, objeto da exaltação do eu lírico:

POEMAMOR.

Este é um poema
essencialmente de amor
para você.

Pouco importa
que ele não fale de flores,
de lua
ou de estrelas
e que ele não seja
de todo
romântico.

Ele contém um universo inteiro,
você.

(Um universo que é
um verso
deste poema de amor).

O poema retrata uma declaração do eu lírico para seu amado. Esse poema de amor se diferencia de poemas de natureza romântica, pois em seus versos o eu lírico não fala de lua, estrelas ou flores, que normalmente são citados em poemas românticos como metáfora ou metonímias do ser amado. O eu lírico do poema de Violeta Formiga faz uma comparação entre o universo inteiro e a pessoa amada, enfatizando que esse universo seria apenas um verso do poema. Dessa forma, é possível perceber que o sentimento do eu lírico é tão intenso e grandioso que, para ele, o ser amado é alguém que traz sentido para sua vida, alguém de tamanha importância que lhe se configura como indispensável assim como são a lua e as

estrelas para a noite. É perceptível que o eu lírico sente-se incompleto e busca no outro o que sente falta em si. Por isso vê o ser amado como alguém imprescindível e o equipara, hiperbolicamente, à grandeza do universo. Entretanto, como afirma Comte-Sponville (2009, p. 252):

“O amor não é completude, mas incompletude. Não fusão, mas busca. Não perfeição plena, mas pobreza devoradora. É o ponto decisivo, de que devemos partir. Ele cabe numa dupla definição: o amor é desejo, e o desejo é falta. Quer dizer então que amor, desejo e falta são sinônimos? Não exatamente, sem dúvida. Só há desejo se a falta é percebida como tal, vivida como tal (não se deseja o que se ignora que falta).”

O eu lírico apresenta, portanto, um grande desejo por seu amado, e esse desejo é intensificado na falta da presença física do outro, gerando esse amor grandioso e a visão de que o outro o completa e traz sentido para sua existência, isto é, elevando esse outro ao patamar de universo em torno do qual gravita a existência do eu lírico tanto que o outro, razão de ser do desejo do eu lírico, não cabe no poema. Ele é uma totalidade que de outra totalidade – o poema – constitui-se tão-somente um verso. O poema não consegue dar conta do ser amado tamanha a grandeza da idealização do eu lírico. Por isso, esse não se preocupa em falar de flores, lua, estrelas. Por que se deter em digressões se o próprio ser amado é, em si, ele mesmo, o próprio poema? Nesse caso, tudo o mais é desvio, rota de fuga, inessencial.

3.2 Temática: *O tempo na lírica de Violeta Formiga*

Sobre o tempo, talvez, a nossa primeira atitude seja tentar definir o que ele é. Mas essa não é uma tarefa fácil, como já bem apontara Santo Agostinho *apud* Nunes (p.9) quando diz o seguinte: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu o sei; se eu quiser explicá-lo a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo”. Se o Bispo de Hipona Régia não nos dá uma resposta sobre o que é o tempo, a reflexão dele oferece-nos uma constatação: embora não saibamos definir o tempo, temos uma compreensão prévia sobre o que ele é.

Tal compreensão advém da percepção da relação que existe entre o começo e o fim, chamado de intervalo, de determinado movimento, “o cômputo de sua duração, bem como da passagem de um intervalo a outro numa ordem que liga o anterior ao posterior, chamada de sucessão” (NUNES, 1988, p. 17), de maneira que lidamos com o tempo antes mesmo de conceituá-lo: “Lidar com o tempo significa que já contamos com a sua presença antecipada na distribuição das tarefas cotidianas” (NUNES, 1988, p. 17). Talvez, um bom exemplo de como

já contamos com a ordenação temporal em nossa vida cotidiana possa advir do texto de Eclesiastes:

Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo pra rasgar e tempo para costurar. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para ama e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz.

Eclesiastes 3:1-8

O tempo descrito no livro de Eclesiastes apresenta a necessidade de uma espera para que algo se concretize. O texto bíblico traz a noção de que no decorrer da vida é preciso que o indivíduo observe e contemple o tempo de cada etapa que irá perpassar sua existência, buscando receber de acordo com suas ações. O tempo é visto também como um meio de trazer esperança ao sujeito, ensinando-o que as coisas ruins têm um tempo para acabar e assim o ciclo da vida é compreendido como algo que depende do tempo para ser concretizado.

Entretanto, a nossa relação com o tempo parece ser, pois, mais empírica do que conceitual. “Medida, datação e repetição – tais são os dados preliminares de compreensão comum, social e prática do tempo, que antecede e condiciona o esforço de abstração teórica necessário para conceituá-lo” (NUNES, 1988, p. 17). Entretanto, as definições sobre o tempo estão marcadas, direta ou indiretamente, por um conjunto de experiências que podem ser de ordem individual e/ou social e cultural porque o tempo é uma presença inapelável ao longo da nossa existência. Tudo é regido por sua ação e sofre as suas interferências. Para Barbosa (1989, p. 08):

A palavra *tempo*, o termo *tempo*, é uma coisa que preocupa as mais diferentes áreas do saber, e o conceito de tempo atravessa, de ponta a ponta, as reflexões sobre a literatura. Portanto, pensar o tempo no que se refere à literatura, é ter diante de si, uma extensa gama de preocupações, de reflexões.”

Apesar de ser objeto de reflexão de várias áreas, o tempo é um conceito múltiplo, que, em linhas gerais, serve como categoria para a reflexão do ser humano em relação a sua própria trajetória existencial. Para Rodrigues (1989, p.05), “o tempo na literatura é uma construção do desejo”. Se é uma construção de desejo, o tempo imiscui-se nas relações

humanas e adquire relevância para pensarmos na concretização, ou não, de determinadas questões sejam elas amorosas, cotidianas ou profissionais que regem as diversas áreas da vida do ser humano.

No caso específico da poesia de Violeta Formiga, como visto anteriormente, percebemos que ela é carregada pelo sentimentalismo e pela presença de experiências que constroem a vida do ser humano de uma maneira geral, através de relações que são construídas consigo mesmo e com as outras pessoas. Logo, trata-se de uma poesia que não é alheia às interferências do tempo. Por isso, o tempo se configura como outra das temáticas mais recorrentes na poesia dela. Nos versos de Violeta Formiga, o tempo aparece como a subjetivação de experiências pessoais que são transfiguradas a partir de uma aguda sensibilidade, como podemos perceber no conjunto de poemas que escolhemos para comentar nesta seção. Começemos com o poema “o relógio”:

O RELÓGIO

Cheguei em casa
às 12 horas,
cheguei em casa
às 4 horas.
Quantas horas
tem o dia
meu Deus?

O tempo como tema já aparece enunciado no próprio título do poema. Das formas que o homem criou para marcar o tempo, o relógio é a mais consagrada e, talvez, a mais colada ao nosso corpo. Simbolicamente, o relógio, assim como outras formas antigas de marcação temporal, sinaliza para o qual presos estamos às teias do tempo. No caso do poema acima, o tempo que ele tematiza é o tempo cronológico, isto é, “[...] o tempo dos acontecimentos, englobando a nossa própria vida” (NUNES, 1988, p. 20), e, em virtude de estar baseado em movimentos naturais recorrentes, esse tipo de tempo firma o sistema de calendários e, portanto, regula nossa vida: “Formando uma sequência sem lacuna, contínua e infinita, percorrida tanto para frente, na direção do futuro, quanto para trás, na direção do passado, a sua armação fixa e permanente abriga expressões temporais específicas e autônomas da cultura, que lhe interrompem, periodicamente, a vigência geral” (NUNES, 1988, p. 20).

O tempo cronológico no poema inscreve-se não só a partir do título, mas pelas menções diretas às horas no segundo e no quarto versos, e, sobretudo, no questionamento

sobre a duração do dia que encerra o próprio poema. Ao questionar-se sobre o tempo que há em um dia, o eu lírico enceta uma reflexão sobre o próprio tempo e a sua demarcação cronológica ao mesmo tempo que nos leva a inferir que a presença de uma rotina estafante da qual o eu lírico não consegue se desvencilhar e que é seguida por ele como se fosse quase que um autômato. Orquestrando tal rotina, o tempo é no poema sentido como sintoma dessa própria rotina. Logo, manifesta-se como cansaço, como aquilo que exaure o ser humano, esgota-lhe as forças. Outra é, porém, a perspectiva que o eu lírico do poema abaixo estabelece com o tempo:

RELEVÂNCIA

A rota do tempo
não para
quem para sou
eu
para escutá-la.

Primeiro, o eu lírico assume o tempo não mais como algo que lhe exaure as forças, mas como relevante porque o leva à reflexão sobre o correr da vida. Se no poema anterior, o tempo era a sucessão de eventos a sufocar a existência, neste poema, o tempo permanece como tal sucessão, mas é a postura do eu lírico que muda frente a isso. Segundo, se não se pode interferir no curso do tempo, porque ele é esse fluxo ininterrupto, o eu lírico, agora, compreende que é preciso dar uma pausa a si próprio para poder refletir sobre o tempo e escutar lhe os ensinamentos:

O que é interessante na relação do homem com o tempo é que não podemos fugir de seus efeitos. Estamos, literalmente, dentro do tempo, isto é, não podemos observá-lo de fora, como algo que não nos pertence. É possível medi-lo através do relógio, mas não é possível se distanciar dele. (BARTOLAZZI, 2014, p. 75).

Nesse poema, o tempo é apresentado, portanto, como uma experiência subjetiva que nasce da necessidade do eu lírico de se aproximar do tempo e parar para refletir sobre o que ele tem a dizer acerca das situações que vem ocorrendo em sua trajetória. Compreendendo que a rota do tempo não para e que não é possível se distanciar dela, é necessária essa atenção do eu lírico em relação ao que o tempo tem a dizer sobre sua vida.

No poema a seguir, parece-nos que, dialogando com o anterior, o eu lírico perfila a lição que aprendeu com o tempo: este é feito de esperas e fruto de transformações que, não

necessariamente, podem vir a acontecer. Não é à toa que o próprio poema é intitulado de metamorfose:

METAMORFOSE

Esperar
que o dia amanheça
que você não me
esqueça
como esqueceu o tempo.
Esperar que a felicidade
chegue
que você não mais estabeleça
divisão
entre o bem e o mal.
Esperar
que você me ame
como pequena parte
de um todo
universo inteiro.
Esperar
que você fale
a mesma linguagem
dos insetos, das pedras,
dos peixes,
liberte as dores.
Esperar que você cresça.

No poema “Metamorfose”, o tempo instaurado não é mais de ordem cronológica. Ele é de fundo psicológico e, portanto, não necessariamente coincide com as medidas temporais objetivas. Como tempo vivido ou de duração interior, o tempo no poema em questão é oriundo das experiências de sucessão dos estados internos do eu lírico.

Tais estados estão marcados por um único desejo: o da espera da metamorfose do amado que, a julgarmos pelo último verso, não se encontra maduro o suficiente para acolher o sentimento que lhe devota o eu lírico. Por isso, este espera que aquele se transforme, mude, enfim, cresça e, ao crescer, permaneça tendo o eu lírico como objeto de desejo.

Em outras palavras, o eu lírico está esperando o amadurecimento do parceiro, tem esperanças de que tal amadurecimento virá e está disposto a viver o tempo da espera para que a metamorfose do ser amado aconteça. O eu lírico acolhe, pois, o ser amado enquanto este ainda não estiver transformado pelo tempo para viver a reciprocidade do amor que lhe devota o eu lírico.

3.3 Temática: A vida retratada na lírica de Violeta Formiga

Na filosofia antiga, o sentido da vida resumia-se em encontrar a felicidade. Para o filósofo Aristóteles, a ausência de emoções é o que pode levar o ser humano a ser feliz. Mas afinal, o que é a vida e qual o sentido da existência humana? Essa tem sido uma das grandes questões sobre a qual se debruça a filosofia, mas também os artistas em geral. Afinal, se a vida é uma linha entre o nascer e o morrer, entre uma ponta e outra dessa linha, existe a busca por ideais que fazem o ser humano perseguir um sentido para a própria existência. Uma frase muito conhecida de Sêneca diz: “Apressa-te a viver bem e pensa que cada dia é, por si só, uma vida”. A partir desse princípio, podemos entender a vida como algo passageiro que precisa ser vivido de forma intensa, pois, como não sabemos quando nossa existência terrena chegará ao fim, é necessário ter pressa para viver e realizar nossos desejos, refletindo sobre a importância de cada dia. Essa é, pois, a tópica do *carpe diem*, segundo a qual, sendo a vida efêmera, é preciso apreciar o presente, viver a vida antes que ela seja ceifada pela morte.

Como tema na literatura, a vida se configura um *leitmotiv* que leva poetas e romancistas a pensarem o mundo e sobre o mundo a partir, muitas vezes, de um exercício de sentir e pensar que aproxima literatura da filosofia. Segundo Magalhães (2009, p. 48)

A relação entre filosofia e literatura pertence à história de ambas em sua especificidade e em alguns momentos ambas confundem-se, pois muitas vezes o pensar filosófico se dá na literatura e a literatura refrata os grandes debates desenvolvidos na filosofia.

Dessa forma a vida é vista a partir da ótica filosófica na literatura, observando qual o sentido da vivência humana, seus ideais e emoções, as dificuldades e a sua valorização pelo indivíduo. Como um modo de pensar sobre a existência, a vida perpassa alguns dos poemas de Violeta Formiga. Há uma paixão pela vida. A poetisa intensifica a necessidade de viver de forma plena, mas também pensa sobre as dificuldades que existem no decorrer da existência humana e volta-se para refletir sobre sentimentos, como a solidão, a tristeza. Nos dois poemas a seguir, podemos perceber a vida como algo que precisa ser valorizado, colocando as alegrias e prazeres da vivência humana acima dos desafios vividos:

PRIMEIRA LIÇÃO

Viver
é amar a vida
sem definições

No poema acima, de forma axiomática, o eu lírico apresenta a lição que quer compartilhar: viver é um ato que a si mesmo basta. A vida não exige definições. Ela exige uma única coisa: ser vivida. Logo, infere-se que a vida precisa ser aproveitada em sua plenitude, sem receios e sem medo. No poema abaixo, a essa primeira lição, soma-se uma segunda:

SEGUNDA LIÇÃO

Viver
é desabrigar os demônios
e conviver com os deuses.

Nesse poema que pode ser visto como um desdobramento do anterior, o eu lírico enfatiza que, após amar a vida sem definições, é necessário “*desabrigar os demônios /e conviver com os deuses*”, ou seja, não dar muita importância para os problemas da vida e aproveitar os pequenos detalhes que fazem a existência do indivíduo ter sentido. Como no poema anterior, podemos ver que o eu lírico possui uma visão da vida como algo bom que precisa ser aproveitado independente das suas adversidades. A vida se lhe afigura, portanto, como um bem valioso e único. Por isso, a urgência de viver em plenitude e desfrutar de uma vida plena deve estar assentada na liberdade de existir, visando realizar aquilo que pode trazer felicidade e prazer.

Ao contrário dos poemas anteriores, o poema abaixo apresenta uma visão diferente sobre a vida. O eu lírico evidencia o lado obscuro da existência humana, colocando-o em primeiro lugar, enxergando uma vivência sem alegria e sem sentido que “anula” os pontos positivos apresentados nos comentários que fizemos acerca de “Primeira lição” e “Segunda Lição”:

NÁUSEAS

Só encontro aparências
onde busco realidades.
O pássaro de Maeterlink
se apresenta tão vazio e fútil
que é inútil procurá-lo.

Viver:
Suportar o desgosto de buscar o inútil
na certeza cruel que tudo é vão.

Perder o mito de ser mortal
e desfilar na passarela das aparências.

A vida é barco perdido
no oceano da desgraça
O vento, a dor que passa
só traz desolação.
E nesse mar sem abrigo
ela ou enfrenta o perigo
ou se entrega à perdição.

A alegria de celebração da vida, presente nos poemas anteriores, cede espaço para certa frustração com a vida em “*Náuseas*”. O próprio título do poema sugere algo desagradável, certo mal-estar. Esse desconforto que é sintoma da náusea advém da percepção de que a vida é perpassada por aparências e assenta-se sobre futilidades. O eu lírico posta-se como um ser descrente porque aquilo que persegue como realidade não existe. É uma aparência, uma projeção. Não à toa há referência ao pássaro de Maeterlink, peça escrita pelo dramaturgo belga Maurice *Maeterlink*, em que o pássaro azul precisa ser encontrado, pois ele é o detentor da felicidade. Entretanto, nessa busca pela felicidade, a realidade do eu lírico se sobrepõe ao sonho, existindo um desencantamento, pois a realidade que cerca o eu lírico é maior do que a utopia sonhada por ele.

Nos versos da segunda estrofe, o eu lírico apresenta-se como alguém sem esperança, que acredita que viver e enfrentar os problemas da existência humana é algo sem utilidade, pois tem em mente o fracasso. Na última estrofe do poema, os versos mostram uma melancolia na vida do eu lírico, que enxerga sua existência como um mar de tristeza e desolação. Para o eu lírico, viver é, então, um perigo diante do qual existem apenas duas opções: enfrentar tal perigo ou entregar-se à perdição, ou seja, lutar e vencer os desafios ou desistir e deixar que eles o vençam.

Em *Violeta Formiga*, a paixão pela vida e a vontade de ser livre para viver marcam grande parte dos versos da poetisa, levantando questões do cotidiano, como as relações amorosas, a relação consigo mesmo, os desejos e sonhos que exercem grande influência na existência do ser humano. A vida ergue-se como um imperativo que deve ser aproveitado ao máximo. Para tanto, devem ser colocadas em segundo plano as limitações e as adversidades que fazem a existência humana ter altos e baixos, porque amar a vida acima de qualquer obstáculo é o mais importante dentro da perspectiva como a poetisa enxerga o ser e estar no mundo. No que tange à temática da vida, os versos de *Violeta Formiga* oscilam entre uma

visão otimista e pessimista que, embora antípodas, são, no entanto, intensamente sentidas pelo eu lírico.

3.4 Temática: *A liberdade na poesia de Violeta Formiga*

Tendo em vista que a liberdade é um direito de todo ser humano e significa autonomia para decidir de acordo com sua própria vontade, ser livre é algo desejado por todo e qualquer indivíduo, uma vez que a liberdade “não é, tampouco, uma faculdade humana, uma disposição para agir (como quando dizemos que somos livres para abrir ou fechar um livro), pois não se trata de algo que o homem tem, mas algo que o homem é.” (ABRAHÃO, INFANTE, 2016. p, 10). Nesse caso, podemos tomar a liberdade como algo que faz parte do indivíduo e não como algo que lhe é dado.

O ser humano nasce com o espírito livre e essa propensão para ser livre o impele a realizar seus ideais e desejos de acordo com sua própria vontade, a partir de um projeto de vida dentro do qual a liberdade ergue-se como um pilar fundamental para que a vida seja vivida e sentida como plenamente realizada. Entretanto, embora seja um direito, a liberdade muitas vezes é preterida ou impossibilitada em virtude, por exemplo, de coerções sociais que cerceiam o direito de homens e mulheres serem livres e procuram, a partir de aparelhos como educação, família, religião, moldar-lhes os corpos e a própria existência. Talvez por isso que, em virtude dos impedidos à vivência da liberdade, é que muitas lutem e até mesmo sucumbam em busca de ser livre.

Na poesia de Formiga, a liberdade é refletida como algo fundamental para a vida humana, sendo vista como crucial para que o ser humano se sinta de fato vivo, de modo que as seguintes palavras de Imaculada Nascimento sobre Ercília Nogueira Cobra podem ser aplicadas à lírica de Violeta Formiga:

Algumas mulheres são como pássaros que se livram de um alçapão, sem se preocupar com o pouso, nem com o porto. Elas se alimentam no maravilhoso espanto dos saberes, visando compartilhar com as outras mulheres seu bater de asas e disseminar o conhecimento, a fim de que todas tenham consciência de sua capacidade, habilidades e direitos, em geral tolhidos, infelizmente, ainda contemporaneidade (NASCIMENTO, 2021, p. 11).

Nos versos da poetisa de Pombal, ser livre é mais que um desejo, é uma urgência. Sema liberdade é como se a vida não valesse a pena, porque a única dádiva em viver é poder ser livre, como podemos ver no poema a seguir:

DÁDIVA

Ser pássaro
e voar infinito.
(Que seja este o
meu último
castigo)

Nesse poema, a imagem do pássaro é a metáfora para a liberdade. Esta é vista pelo eu lírico como primordial em sua vida. Como o próprio título sugere, ser livre é uma dádiva, um verdadeiro presente que traz sentido para a existência. Os versos “*Ser pássaro / e voar infinito*” apresentam o ideal que move o eu lírico cuja vida só tem sentido na plenitude da liberdade. Tanto que, dos castigos que podem existir, seja a liberdade o último deles. Como lembra Perdigão (1995, p. 89), “a liberdade humana está na autonomia da escolha, não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode”. Isso nos faz refletir sobre a autonomia humana que possibilita o ser humano buscar uma forma de ser livre a partir do meio em que se encontra, utilizando o que está ao seu alcance. No poema abaixo, podemos perceber a liberdade como força motriz:

INTEIRA

Minha vida
por uma única
palavra:
Liberdade.

(Então eu
serei feliz
como os anjos
que ainda não
nasceram).

Assim como o anterior, o poema acima remete a um profundo desejo do eu lírico em ser livre. A liberdade é vista como protagonista e responsável pela felicidade na vida do indivíduo. É, pois, a razão da própria existência, como atesta a primeira estrofe. Ser livre exprime o desejo de ter autonomia sobre a vida e tomar decisões de acordo com sua própria vontade. Os versos “*Então eu / serei feliz / como os anjos / que ainda não / nasceram*” demonstram a visão de liberdade que o eu lírico possui, pois para ele a felicidade está atrelada a viver de forma livre, não fazendo sentido, para ele, ter uma vida sem liberdade de escolha para decidir de acordo com seus desejos. Mas mais que isso: a liberdade preexiste

à existência do próprio ser, como se o eu lírico estivesse a postular que o ser humano nasce para ser livre. Abrahão e Infante (2016) enfatizam que:

A liberdade acarreta ao homem um perene exercício de constituição e de significação de si mesmo, exercício que se situa em um horizonte de possibilidades que já existiam quando ele surgiu (sua condição social, seu ambiente histórico etc.) e que ele pode aceitar ou recusar (ABRAHÃO, INFANTE, 2016, p. 11).

Dessa forma, podemos analisar a liberdade como um meio de autoconhecimento do sujeito, que de acordo com seus objetivos aceita ou recusa determinadas situações em que está inserido, visando ao direito de ser livre e tomar decisões a partir dos seus próprios desejos. O poema abaixo apresenta o sentimento de liberdade dentro de uma relação amorosa, diferente dos poemas analisados acima que apresentam o ser humano livre sem estabelecer uma ligação como outro. O poema “*Ele*” reflete a presença da liberdade no ato de amar encontrando no outro o espírito livre e a segurança para ser o que deseja.

ELE

Voa
feito ave,
ama
feito homem.
Eu amo
a ave e o homem
que habitam
dentro dele.

O poema intitulado “*Ele*” designa a existência de um sentimento de paixão pelo outro em decorrência da liberdade que habita a vida do amante. O eu lírico ama a liberdade e a existência dela na pessoa que ele ama faz com que exista um amor grandioso. É perceptível que o eu lírico define seu amante como alguém que voa feito ave, mas que ama feito homem, ou seja, o amante é alguém livre, capaz de amar e esse amor não limita a liberdade, pelo contrário, existe um sentimento de reciprocidade, tendo em vista que os dois buscam uma vida livre e ao mesmo tempo com amor. Nos versos “*Eu amo / a ave e o homem / que habitam / dentro dele*”, podemos analisar que a existência desse amor se concretiza a partir da liberdade que existe nessa relação, sendo um amor livre, sem prisões, complementando assim os desejos um do outro.

A liberdade é um dos eixos principais da lírica de Violeta Formiga. É a base para uma boa relação consigo mesmo e com os demais indivíduos em sociedade. A poetisa apresenta a liberdade como uma necessidade humana. Em sua poesia, o ser humano é tomado com um pássaro para o qual a liberdade é o maior alimento e alento.

3.5 Temática: A solidão na lírica de Violeta Formiga

Comumente entendida como uma sensação de vazio e isolamento em virtude da ausência de algo ou alguém, a solidão é um sentimento complexo que perpassa a existência humana. Minois (2019) na introdução do seu livro *História da solidão e dos solitários* apresenta uma reflexão de como a solidão é vista e compreendida desde os tempos antigos. O autor enfatiza que, desde as origens, a solidão possui uma má reputação, apresentando como exemplo a frase bíblica “*Não é bom que o homem esteja só*” refletida por Deus após a criação de Adão. Segundo o autor, de início a solidão é compreendida como uma constante na história da humanidade, sendo considerada até hoje um elemento essencial da condição humana, mas, paradoxalmente, é posta na condição de algo temível contra o qual é necessário lutar.

O termo latino *solitudo* indica um local ermo. Nesse caso, a solidão é vista como um lugar deserto que se opõe a um lugar humanizado e pode ser associada à ideia de isolamento. Essa propensão ao isolamento é considerada uma situação anormal, tendo em vista que o homem é considerado um animal social segundo a filosofia grega. Entretanto, como argumenta Minois (2019), o homem também é um animal pensante. Assim, a solidão um fato de consciência, um sentimento que no decorrer do tempo tiveram seus sentidos confundidos. Sendo um sentimento, a solidão não pode necessariamente ser tomada como sinônimo de viver só, uma vez que se pode ser solitário em meio a muita gente. Como enfatiza Minois (2019), viver sozinho e sentir-se só são duas coisas diferentes, mas essa distinção não é demarcada pelo senso comum nem pelo nosso próprio vocabulário que tem uma única e mesma palavra designar dois estados solitários distintos: a solidão sofrida, dolorosa, negativa, e a solidão voluntária, serena, positiva.

Em língua inglesa, entretanto, existem dois termos que permitem distinguir essas duas formas de solidão. *Lonely* designa mais o estado de alma daquele que se sente dolorosamente só. *Solitary* possuindo um sentido mais neutro refere-se ao fato físico e positivo de se encontrar sozinho. Já a língua francesa utiliza uma única palavra para designar o eremita solitário (*solitaire*), o navegador solitário, a viúva solitária, o poeta solitário. A ausência de palavras que demarquem essas nuances de sentido se presta a todas as confusões. Minois

(2019) enfatiza que a solidão não é uma. Ela é múltipla, possui faces felizes e infelizes. Por isso, seria preciso falar das solidões, fenômeno rico, complexo, ambivalente e carregado de história, as quais, de acordo com cada época, foi designada como uma situação positiva, desejada ou uma situação negativa e desprezada.

A solidão sempre instigou inúmeros debates filosóficos, religiosos e literários, pois ela nunca deixou ninguém indiferente, sempre proporcionou diversos sentimentos como fascínio, espanto, atração, admiração, sendo considerada como um vício, uma virtude, um refúgio ou até mesmo um inferno, mas sempre foi lembrada com paixão, sendo protagonista de discussões pelas ciências sociais desde o século XIX. Para Minois (2019), a solidão não deixa ninguém neutro ou indiferente, pois ela compromete toda a condição humana, nos impelindo a tomar uma posição a favor ou contra, dependendo da personalidade e do momento de cada um, além disso, ela também é uma flor que brota no campo das relações sociais e das correntes culturais, que a fazem desenvolver ou murchar.

A partir disso, é possível compreender a solidão como algo que faz parte da vida humana, independente da falta de alguém, podendo ser vista como positiva ou negativa dependendo da situação na qual o indivíduo se encontra, podendo assim, segundo Elias e Pinto (2018, p. 02), ser vista sob duas perspectivas:

Do ponto de vista ontológico, o ser não é livre para escolher a solidão, uma vez que a solidão lhe é imposta pela própria natureza de ser. Ontologicamente, a solidão está relacionada com a existência do ser humano em si, à sua condição natural de existência. Na perspectiva social, a solidão pode ser voluntária ou imposta pelas condições a que o sujeito se submeta na relação com a alteridade.

Dessa forma, como já mencionado anteriormente, a solidão é compreendida pela filosofia como algo natural à existência humana, podendo ser boa ou ruim dependendo de como as relações sociais são construídas, reafirmando o fato de que viver só é diferente de ser solitário. Já a sociologia compreende o meio como algo que favorece a solidão aos indivíduos. Nesse caso, as relações estabelecidas em sociedade, quando rompidas, podem gerar o sentimento de vazio e solidão no ser humano. Porém, é necessário levar em consideração que há pessoas que vivem sozinhas por vontade própria e não se sentem vazias, comprovando assim que a solidão não é de fato algo ruim ou gerada exatamente pela ausência de outras pessoas.

Na literatura, a solidão também é temática de muitos escritos e poemas. Ela é retratada como esse vazio decorrente do fim das relações amorosas, da ausência do outro ou é vista, em uma perspectiva mais numinosa, como algo positivo, porque aponta para o caminho de

encontro do indivíduo consigo mesmo. Nos poemas de Violeta Formiga, é notória a presença da temática da solidão e os seus impactos na vida do eu lírico. Nos dois poemas abaixo, a solidão tem um fundo emotivo. Ela é decorrente da ausência do outro, do afeto:

CONFISSÃO

Sem você
o silêncio é momento
que se faz
feroz solidão.

O poema acima é a confissão de uma falta: a do outro que serve como alimento da paixão do eu lírico, esteio de sua existência. Tanto que, ante a ausência do amado, o silêncio, a solidão afiguram-se ferozes. Nesse sentido, o fim da solidão dar-se-á apenas a partir da presença do ser amado. Ausente, o amado deixa um vazio que acarreta tristeza e isolamento e que, por isso mesmo, confronta o eu lírico com a própria solidão. Nádía Gotlib (1985, p. 58) reflete que a “temática da solidão surge como consequência de uma sociedade burocratizada e capitalista, que deseja o objeto”. Desse modo, a partir do poema analisado e da reflexão de Nádía Gotlib (1985), podemos compreender a solidão como resultado da falta de alguém e do desejo incessante de ter o outro, enfatizando que a ausência do que é desejado é o responsável pelo vazio e solidão sentidos pelo indivíduo.

Ao contrário do poema acima em que a solidão é fruto da ausência do ser amado, no poema a seguir é a presença do ser amado que, indiferente ao eu lírico, provocava o sentimento de vazio, de solidão, certamente porque não havia correspondência de afetos entre quem amava e o outro objeto de tal amor, daí por que a antítese que marca o próprio título do poema:

(DES) ENCONTRO

Estive com você
sem que de mim
você soubesse.

Como o próprio nome sugere o poema acima apresenta um amor não correspondido. Dessa ausência de reciprocidade amorosa brota o sentimento de solidão no eu lírico. Os versos “*Estive com você / sem que de mim/ você soubesse*” refletem o desejo intenso que o eu lírico possui pela pessoa amada, sendo notório o sentimento profundo por seu amante e a solidão que aparece em decorrência de não poder vivenciar um amor recíproco.

Já no poema abaixo a solidão aparece como algo que vai além da ausência de outra pessoa. A solidão é vista como a ausência de si mesmo, a dificuldade de entender a si próprio diante do vazio em que o eu lírico se encontra:

ARIAL n.º 3

Um pássaro noturno
vagueia
a procura da sua própria
procura.
A cantar para o vazio
na mesma balada
sai repetindo
sua triste canção de angústia
por se encontrar
no tempo sozinho.

O poema “*Arial n.º 3*”, diferentemente dos demais analisados nesta seção, apresenta a solidão como inerente à própria existência. Ela não é decorrente de uma frustração amorosa. Ela pesa sobre a própria vida, como uma busca incessante. Nos versos “*um pássaro noturno / vagueia*”, é possível notar que o eu lírico sente-se sozinho. O fato de vagar na noite reforça essa ideia de solidão e de alguém perdido em seu próprio percurso. Nesse caso, a solidão apresenta-se como algo que impacta o sujeito, o tira de prumo porque o desnorteia, deixando-o perdido. A solidão apresentada no poema “*Arial n.º 3*”reflete um eu lírico que, por encontrar-se perdido em si mesmo, buscou o isolamento dos demais indivíduos. Como enfatiza Carvalho (1995, p. 197), “Se para nós é dolorosa a solidão, mais doloroso ainda seria sofrermos com o outro, logo nos fechamos para contatos mais estáveis, abertos e profundos.” Dessa forma, o eu lírico, por não conseguir estabelecer uma boa relação consigo mesmo, encontra-se sozinho e estabelece como objetivo principal encontrar a si mesmo para suprir essa solidão que o devasta.

A partir dos poemas aqui comentados nesta seção, podemos afirmar que a solidão em Violeta Formiga é apresentada como um sentimento comum ao ser humano que se gesta a partir da ausência do ser amado ou da consciência do peso da própria existência. No primeiro caso, a presença do outro é vista como algo fundamental para que o vazio e o isolamento deixem de existir e, conseqüentemente, a solidão seja dissipada. No segundo, a solidão é decorrente de um mergulho do sujeito dentro de si mesmo em um processo de busca

existencial ao final do qual o grande prêmio é o encontro consigo mesmo, quando não mais haverá o assombro com a solidão.

3.6 Temática: A lírica de Violeta Formiga e o viés metalinguístico

Tendo em vista que a metalinguagem acontece quando a linguagem toma a si mesmo como objeto, a metapoesia caracteriza-se por voltar-se para si mesma como matéria poética. Segundo Leal (2016), ao longo da história da literatura, vista sob diversas perspectivas, a metapoesia é uma temática de grande prestígio abordada por vários poetas. De acordo com Massagli (2019, p. 27) “No metapoema, a poesia se deixa ver por dentro, expondo os processos de bastidores da escrita poética.” É através da metapoesia que o poeta busca passar para o leitor nas entrelinhas dos versos os sentimentos, desejos e desafios que perpassam o ofício de ser poeta. Já Sánchez Torres (1993, p.137, Apud. MASSAGLI, 2019, p.27) enfatiza que:

A metapoesia, independentemente do elemento do processo poético em que se concentra sua reflexão sobre a poesia, pode não apenas se manifestar como uma investigação teórica sobre a poesia, mas também, muitas vezes, como exposição de uma poética pessoal, como manifesto ou declaração de princípios, como crítica literária ou como autocrítica.

No caso da poesia de Violeta Formiga, vamos perceber a poetisa não procura teorizar sobre o poético, mas apresentar um olhar bastante pessoal e, portanto, eivado de subjetividade acerca da poesia. Pelo viés da metalinguagem, Violeta Formiga nos lega um conjunto de poemas que revelam sempre um eu lírico apaixonado pela poesia e que enxerga o fazer poético como necessário e essencial à vida, a sua e a dos demais seres humanos, como podemos perceber no poema a seguir.

DEFINIÇÃO

O poema
é espelho que reflete
o tempo.
É arma que se usa na conjectura
da questão.
É força maior

onde a vida
prossegue viva
na sua tonalidade.
É caminho percorrido
em rostos esmagados
na impostura
dos fatos.
É plenitude traçada
congruente de inquietações.
É tempo operário
ofício de construção.

O título “*Definição*” já sinaliza para o aspecto metalinguístico do poema. Este congrega, ao longo de todos os seus versos, o modo como o eu lírico enxerga a própria poesia. O poema é visto como espécie de repositório de experiências humanas (“é força maior/onde a vida/prossegue viva”). Por isso, é visto como “espelho que reflete/o tempo”, mas também é concebido como resistência, razão por que é associado a “arma que se usa na conjectura/ da questão”.

Seja como espelho de experiência vividas, seja como instrumento de resistência às intempéries da vida, o poema é tomado, em uma espécie de síntese entre essas duas perspectivas, como plenitude decorrente, porém, das inquietações, das ações do tempo, mas, sobretudo, do “ofício de construção”. Ou seja, o poema não é apenas a expressão de um sentir, mas é o investimento, uma construção sobre esse sentir para que as emoções vividas sejam alçadas à condição de linguagem e linguagem transfigurada artisticamente.

O poema destaca um eu lírico que vive para a poesia, enxergando em seus versos um sentido para a vida porque viver é espantar-se diante da vida, mas também resistir e, nesse caso, o poema trabalha a favor de tal resistência. No poema abaixo, assim como no anterior, a poesia é vista como primordial para a vida do eu lírico:

VIVÊNCIA
Faço poema
como quem faz
pão:
Faminta e necessária

O título do poema já nos permite desentranhar a concepção de Violeta Formiga tem acerca do ofício poético. Trata-se, pois, de um trabalho que não está dissociado da própria vida. A poesia é decorrente de um processo de experiência vinculadas à própria existência da poetisa como ser humano. Poesia e experiência estão, inapelavelmente, interrelacionadas.

Além disso, a poesia é alçada à condição de razão para a própria vida, tendo em vista que o poema é colocado no mesmo patamar que o pão. Este é o mais comum dos alimentos, inclusive objeto de partilha para os famintos segundo o texto bíblico cristão.

Assim, ser pão e poesia são tomados como correlatos, podemos dizer que, da mesma forma o primeiro aplaca a fome do corpo, a poesia deve ser partilhada para que a fome do espírito seja devidamente saciada. Logo, segundo o eu lírico, a poesia existe não só porque há uma necessidade que justifique a sua existência, mas, sobretudo, porque ela se faz necessária. É algo que não pode, portanto, faltar. Nesse ponto, podemos dizer que, para Violeta Formiga, o ofício poético é um direito humano, isto é, aquilo que não lhe pode ser negado porque, se isso acontecer, sofreremos uma desorganização pessoal e uma frustração mutiladora. Logo, se podemos falar em lição, o que Violeta Formiga quer nos passar é que a poesia é condição de existir. Essa é, pois, a fé que a poetisa professa e que lhe surge como uma necessidade, como já dito no poema “Vivência” e como é reiterado no poema a seguir:

NECESSIDADE

Preciso escrever
um poema comovente
consciente, profundo
como as águas do mar
nas suas ondas agitadas.

Preciso escrever
alguma coisa infinita
de estrelas, de astros a vagarem
na noite, dando ideia de longitude
de distância metafísica.

Preciso escrever
um poema tranquilo
como o vento que se joga
nas flores do campo
e borboletas a dançar.

Preciso escrever
alguma coisa marcante
como o nascer do sol
de raios intensos, vivos,
agressivos.

No poema acima, evidencia-se o que já foi visto nos anteriores: a poesia configura-se como necessidade. Escrever é uma ação tão vital quanto outras já naturalizadas como tal: comer, andar, respirar etc. Escrever é um imperativo existencial para a própria poetisa que procura realizar uma dupla ação: captar o mundo via linguagem/escrita e, devolvendo-o sob a

forma de poesia, afetar os próprios leitores. Por isso, a preocupação do eu lírico é escrever “um poema comovente/ consciente, profundo”, um poema que inquiete e reconforte, que seja, portanto, decorrente de uma experiência, isto é, de um evento significativo que possui o sujeito, consoante ensinamento de Larossa, e que lhe provoca transformações, alargando o ângulo de percepção sobre si, o mundo e o outro. Nesse sentido, o poema não é o registro de experiências que são triviais, mas fundantes para o sujeito porque incidem diretamente no seu ser e estar no mundo.

O viés metalinguístico da poesia de Violeta Formiga coloca-nos diante de uma compreensão do poético como refúgio que, ao mesmo tempo em expressa os acontecimentos diários e revela como tais acontecimentos são, subjetivamente, apreendidos pelo eu lírico, dá significado à existência. A metapoesia nos versos de Violeta Formiga instiga o leitor, levando-os a entender a poesia não apenas como um ofício mecânico de lutar com palavras, mas como alimento que nos nutre e nos permite sobreviver em meio às intempéries que perpassam a nossa existência. Enfim, a metalinguagem em Violeta Formiga reitera que a poesia é uma espécie de morada do ser e para o ser.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas analisados, que compõem as duas únicas obras de Violeta Formiga, *Contra Cena* (1981) e *Sensações* (1983), retratam os maiores desejos da vivência humana. A poetisa em seus versos de caráter minimalista apresenta o amor, o tempo, a vida, a liberdade, a solidão e a metapoesia como temáticas recorrentes em sua lírica. As temáticas abordadas são reflexos de experiências pessoais, no qual a sensibilidade e o sentimento são pontuais em seus versos. É notório que os assuntos abordados estão interligados e todos apresentam uma imensa paixão pela vida e um desejo incessante de uma vivência preenchida pela liberdade de ser dona de si e de suas escolhas.

De maneira geral, é perceptível que o desejo e a liberdade são os protagonistas da escrita de Violeta Formiga. A vontade de ser livre e o desejo intenso por viver refletem uma necessidade que se torna uma busca incansável por uma vida com sentido, buscando fugir da monotonia e de uma realidade que a aprisiona. Para finalizar, é importante frisar a importância de redescobrir as obras de Violeta Formiga, apresentando-a ao público, tendo em vista que não é uma poetiza muito conhecida, mas que deixou um legado para a poesia de

autoria feminina e para a Paraíba que precisa ser relido pelas gerações do nosso tempo presente.

5. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Thiago Henrique de Camargo.; INFANTE, Ulisses. A literatura, a liberdade e a humanização do homem. Veredas: **Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 25, p. 5-20, jan./jun.2016. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/366>. Acesso em maio de 2021.

BARBOSA, João Alexandre. **Estudos sobre o tempo: o tempo na literatura**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 18. 1989.

BARTOLAZZI, Thays de Abreu. **Uma poética ao rés-do-chão: o tempo e o cotidiano em Adília Lopes**. Tese (mestrado em literatura, cultura e contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 110. 2014.

BIBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin; José Luis Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

CARVALHO, Sérgio Lage T. de. *Lonelysweet home: solidão e modernidade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Literatura e Erotismo**. São Paulo: Ática, 1985.

ELIAS, Angela Maria da Silva; PINTO, Aroldo José Abreu. A poética da solidão na narrativa *Morte em Veneza*, de Tomas Mann. In: **Congressos internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)**, 15., 2018, Uberlândia. Anais do Congresso Internacional Da ABRALIC, Uberlândia: Universidade Federal De Uberlândia (UFU), 2018. p. 397- 408.

FORMIGA, Violeta. **Contra cena**. 2. ed. João Pessoa: Edições Macunaíma, 1982.

—. **Sensações**. João Pessoa, 1983.

GOTLIB. N. B. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1985.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, abr. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 08 de ago. 2021.

LEAL, Gabriel de Melo Lima. **Poesia brasileira contemporânea: a ética do real em duas estéticas autodescritas**. Revell. v. 3. n. 14. Mato Grosso. 2016. p. 97-118. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/1548>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MAETERLINCK, Maurice. **O Pássaro Azul**. Paris: Edições Lombardi, 1962.

MAGALHÃES, Antônio. Partilhas do saber. Diálogos entre filosofia e literatura. **Revista de Filosofia**, v.1, n.2, p. 47-59, jul/dez 2009.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Metapoesia e autorreferencialidade na antilírica de Paulo Leminski**. Texto Poético, 15(27), 26–45. <https://doi.org/10.25094/rtp.2019n27a584> . Acesso em: 05 de maio de 2021.

MINOIS, Georges. **História da solidão e dos solitários**. Tradução de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2019

NASCIMENTO, Imaculada. Corpos indóceis, mentes livres – a obra de Ercília Nogueira Cobra. In: NOGUEIRA COBRA, Ercília. **Virgindade inútil e anti-higiênica...** Belo Horizonte: Luas, 2021.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM. 1995.

RAGO, Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil (1900 – 1932). In: SWAIN, Tânia Navarro e MUNIZ, Diva do Couto Gontijo (orgs.). **Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005, p. 195-216.

RODRIGUES, Antônio Medina et. al. **Estudos sobre o tempo: o tempo na literatura**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1989.

SANTOS, Neide Medeiros. **Violeta Formiga – 30 anos de encantamento**. João Pessoa: Edições O Sebo Cultural, 2012.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Dicionário Literário da Paraíba**. João Pessoa: A UNIÃO, 1994.

VIOLETA Formiga. **Paraíba Criativa**, 2016. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/violeta-formiga/> acesso em: 02/08/2022